Lô Galasso

O 'Trampo', a Saúde, o Futuro...

Coordenação do Projeto: Frida Marina Fischer

Texto: Lô Galasso

Coordenação do projeto: Frida Marina Fischer

Ilustrações: Paula Galasso

Projeto gráfico: Sergio Bonilha

Equipe de Pesquisadores:
Roberta Nagai
Liliane Reis Teixeira
Lilian Cardoso de Souza
Josiane Steluti
Rodolpho Repullo Júnior

Apoio:
Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico (CNPq)

Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico

Trabalho dos adolescentes,

problemas e caminhos para uma vida melhor

Galasso, Lô.

O Trampo, a Saúde, o Futuro... Trabalho dos adolescentes, problemas e caminhos para uma vida melhor / Texto de Lô Galasso; ilustrações de Paula Galasso; coordenação de Frida Marina Fischer; São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, Departamento de Saúde Ambiental, 2005.

68 p.; il.

ISBN: 85-99167-01-4

1. Adolescentes. 2. Trabalho. 3. Saúde do trabalhador adolescente. I. Fischer, Frida Marina. II. Galasso, Paula. III. Nagai, Roberta. IV. Teixeira, Liliane Reis. V. Souza, Lilian Cardoso de. VI. Steluti, Josiane. VII. Repullo, Rodolpho. VIII. Título.

CDD 331.347

© 2005.
Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

É permitida a reprodução total ou parcial deste livro, desde que citada a fonte.

Tiragem:
750 exemplares.

Edição, distribuição e informações:
Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.
Departamento de Saúde Ambiental
Av. Dr. Arnaldo, 715 – Cerqueira César
CEP: 01246-904 - São Paulo (SP)
Fone / fax.: (11) 3066-7755.
www.fsp.usp.br

Este livro fala de...

... assuntos que interessam a um grande número de adolescentes brasileiros – os que trabalham, os que já trabalharam e estão desempregados, e os que planejam começar a trabalhar. Em linguagem de fácil compreensão, traz um resumo dos resultados de pesquisas científicas sobre os problemas que o trabalho pode representar para a saúde, o bem-estar e o futuro dos adolescentes.

Traz também informações sobre os direitos dos jovens em relação ao trabalho e aponta alguns caminhos para melhorar sua qualidade de vida. Com esta iniciativa, a equipe de pesquisadores pretende contribuir para uma maior conscientização quanto à necessidade de programas de preparação para o trabalho, de proteção ao trabalho e de promoção da saúde voltados para estudantes do ensino fundamental e médio, como forma de reduzir a sua vulnerabilidade e aumentar as chances de sua efetiva inclusão na sociedade.

Agradecimentos

Nosso agradecimento especial ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio dado ao Projeto *"Trabalho de Adolescentes: riscos e caminhos para a promoção da saúde"* – No. 470917/2003-2, desenvolvido no Departamento de Saúde Ambiental da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Este livro é um dos 'filhotes' desse projeto.

Agradecemos também à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cujo apoio permitiu a realização da maioria das pesquisas citadas.

Nosso agradecimento especial, ainda, aos renomados docentes e pesquisadores cuja leitura crítica favorável e, por vezes, eloqüente e emocionada, representa uma das mais valiosas chancelas que um livro como este poderia receber: Arne Lowden, Denize Cristina de Oliveira, Isabel Maria Teixeira Bicudo Pereira, Lys Esther Rocha, Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira, Maria do Rosario Dias de Oliveira Latorre e Robin Baker.

Finalmente, nosso sincero agradecimento aos alunos, professores e diretores da escola pública paulistana onde foi realizada a maioria das pesquisas aqui abordadas. A eles será destinada a primeira tiragem deste livro, com o carinho da equipe de pesquisadores.

Que o livro possa, agora, *'fazer o seu caminho'* até o coração e a mente dos adolescentes, seus familiares, professores e demais membros da comunidade educacional, enfim, de todos os que possam colaborar para melhorar a qualidade de vida e o futuro dos adolescentes brasileiros.

Sumário

Agradecimentos.....04

Cap. 1 – *Tchau*, infância.....07

Cap. 2 – Quebra-cabeça.....10

Cap. 3 – 'Adolescências'.....13

Cap. 4 – Trabalhar na Adolescência é *do bem* ou *do mal*?.....17

Cap. 5 – Escola & *Trampo* ou *Trampo* x Escola?.....23

Cap. 6 – Perigos 'Escondidos' no Trabalho.....30

Cap. 7 – Como Anda a Saúde dos Adolescentes Trabalhadores? 36

Cap. 8 – O que os Adolescentes Sabem sobre os Perigos de Acidentes e Doenças Relacionados ao Trabalho? 40

Cap. 9 – Direitos dos Adolescentes.....46

Cap. 10 – Caminhos para uma Vida Melhor.....49

Saiba Mais (Endereços e sites úteis).....58

Referências bibliográficas.....62

Quem somos.....66

cap.1

Tchau, infância...

A gente vira adolescente quando não cabe mais na palavra *criança* – quando as pernas não cabem mais nas calças, quando o corpo começa a sobrar na camiseta velha.

Tem gente que começa a fazer coleção de cravos e espinhas. Tanto faz ser garoto ou garota. Eles – os cravos e as espinhas, não têm preferência...

Mas tem coisas da adolescência que são bem diferentes para as garotas e para os garotos. Os garotos, por exemplo, ficam driblando o *vai-e-vem* da voz grossa, que às vezes só *vai*..., e quando *vem*, parece 'voz de manivela', ou 'voz do além'... As garotas vão se acostumando aos poucos à menstruação, aos absorventes, ao sutiã, que acomoda o novo formato dos seios.

Dizer *tchau* para a infância também significa começar a *pagar pau* para pessoas que a gente acha especiais. A gente então fica rezando pra ter coragem de chegar perto daquela pessoa especial e ouvir qualquer coisa parecida com um *'chega pra cá'*. Mas tem vezes que a gente leva mesmo um tremendo *'chega pra lá'*... Nada grave. Isso acontece com todo mundo. E também tanto faz ser garota ou garoto: amor, todo mundo quer dar e receber...

cap. 2

'Quebra-cabeça'

É... Entrar na adolescência não é pouca coisa. Significa encarar *uma pá* de mudanças, todas muito importantes: no nosso corpo, no jeito como ele funciona, na nossa maneira de pensar, de sentir, de nos comportar...

E estar na adolescência significa encarar a continuação dessas mudanças. Por isso, mesmo os adolescentes que têm pernas e braços muito compridos, mesmo os que já trabalham, que até sustentam suas famílias, **não podem ser considerados adultos.**

Isso só vai acontecer quando seu organismo tiver amadurecido completamente, o que acontece lá pelos 21 anos, nas garotas, e lá pelos 25 anos, nos garotos. [13]

Se a adolescência não fosse uma fase tão importante na vida das pessoas, entre a palavra *criança* e a palavra *adulto* nem precisaria existir a palavra *adolescente*...

E é preciso não esquecer também que ser adolescente é **ir atrás da própria identidade** – descobrir quem a gente é. Significa ir modelando o nosso mundo interior, ir combinando informações com valores, vontades com possibilidades, experiências e escolhas, construindo uma espécie de *quebra-cabeça*... Ou uma conta mais ou menos assim:

gostos que a gente descobriu na infância **+**

habilidades que a gente desconfia ou sabe que tem **+**

uma tremenda vontade de fazer coisas importantes na vida **+**

escolhas que a gente vai fazendo **+**

conhecimentos e experiências que a gente vai construindo na escola, junto com os professores e com os colegas **+**

outras experiências que a vida da gente vai trazendo **+**

o afeto e o apoio da família, dos amigos etc...

A gente então junta tudo isso e constrói um ***projeto de vida,*** no qual ainda vai ficar faltando encaixar uma profissão que tenha a ver com a gente. Mas essa escolha costuma acontecer só mais tarde, quando a gente já se conhece bem e já não está mais cabendo direito na palavra *adolescente*...

cap. 3

'Adolescências'

Por que alguns adolescentes trabalham e outros não?

Porque não existe só uma adolescência, mas sim, *'adolescências'*...

Como assim?

Tem uma adolescência que permite ***escolha***. Tem pais e mães que, mesmo tendo dinheiro suficiente para sustentar os filhos, acreditam que trabalhar faz muito bem para o adolescente, para sua aprendizagem, para o seu futuro. Neste caso, valem os valores.

Entre os que podem escolher não trabalhar desde cedo existe a chamada *adolescência prolongada*: mesmo depois de fazer 18 anos, a pessoa continua só estudando. Às vezes, começa a trabalhar só depois de terminar a faculdade. Ou ainda, depois de fazer um curso de pós-graduação, que é aquele que se faz depois de terminar a faculdade. A adolescência prolongada costuma ir até os trinta anos de idade, ou mais. Mas nem sempre isto acontece por escolha dos jovens, e sim, porque o mercado de trabalho não oferece oportunidades de emprego para eles.

Mas a grande maioria dos adolescentes que trabalha faz isto porque precisa: por **necessidade econômica.** Às vezes, porque o seu salário representa o único dinheiro da família – quando os adultos da família estão desempregados ou doentes, por exemplo. Às vezes, porque sem o salário do adolescente a família não consegue encarar a soma das contas do mês. Sem *grana*, como comer, comprar o gás, os livros? E também tem muitos adolescentes que trabalham para ter seu próprio dinheiro, pagar as *baladas*, o cinema, e comprar o que a vontade manda e a *grana* permite.

BIO
FIS
MAT

12
3
6
9
CÓPIA

cap. 4 Trabalhar na Adolescência é 'do bem' ou 'do mal'?

Tem gente que acha que trabalhar durante a adolescência é *do bem;* outros acham que é *do mal*. O que você acha?

Para muitas famílias, é *do bem* os adolescentes trabalharem, pois assim não ficam na rua aprendendo besteira.[25] Quando é a **sobrevivência** que está na jogada, as famílias também acham que adolescente trabalhar é *do bem*... — *do mal* é não ter o que comer, ou roubar para poder comprar comida. *

> M.P.S.: "*Ah, antes, quando a minha mãe não trabalhava, só o meu pai, aí a gente, assim... chegava a passar um pouco de fome. Mas agora, não*".
> Pesquisadora: "*O que é passar fome? O que acontecia, por exemplo?*".
> M.P.S.: *"Ah, tinha vez que não tinha nada, assim, pra comer; só café, assim... Era ruim..."*
> (garota de 15 anos, cursando a oitava série do Ensino Fundamental, que trabalha como balconista em um pesqueiro).*

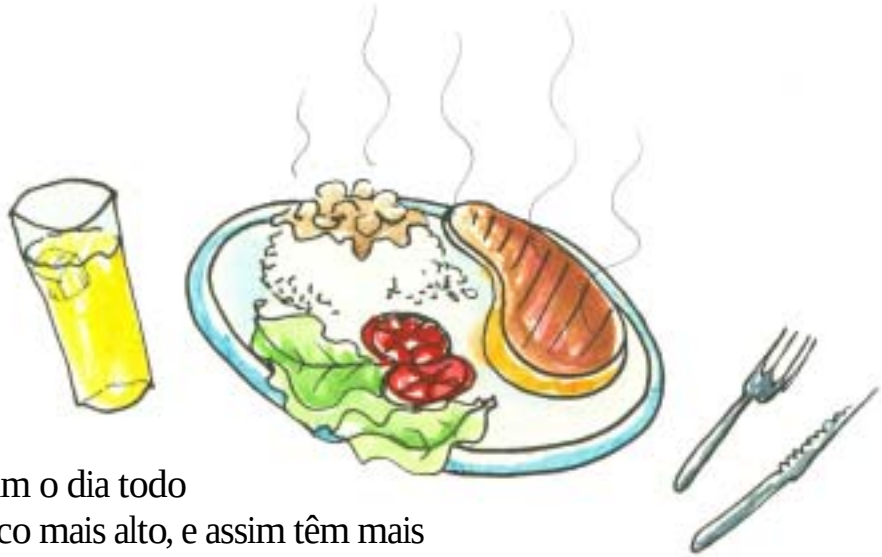
Tem pesquisas mostrando que trabalhar na adolescência ajuda a crescer...

Como assim?

---

* Este diálogo e os demais que aparecem no livro são trechos de entrevistas com adolescentes trabalhadores, realizadas pela equipe liderada pela Professora Frida Marina Fischer, como parte de projetos de pesquisa financiados pelo CNPq, FAPESP e CAPES desde 1997.

Um grupo de pesquisadores estudou o crescimento físico dos adolescentes e descobriu que os que trabalham o dia todo se alimentam melhor do que os que trabalham só meio período. Isso porque os que trabalham o dia todo ganham um salário um pouco mais alto, e assim têm mais condições de comprar alimentos. [20]



As pesquisas dizem que trabalhar desde cedo é *do bem* quando o trabalho:

a) ajuda o(a) adolescente a crescer como pessoa ou cidadão(ã);

b) faz com que ele(a) aprenda a ter responsabilidade;

c) ajuda a desenvolver o espírito de equipe;

d) melhora sua auto-confiança e sua auto-estima;

e) dá chance de desenvolver habilidades

f) dá chance de aprender um trabalho que talvez se transforme, mais tarde, numa profissão. [3, 9, 10, 20, 30]

Bem, pare um pouco e pense no seu próprio trabalho ou no trabalho de algum(a) adolescente que você conhece bem. Tente analisar se essas coisas positivas aí em cima estão acontecendo ou não.

Agora, vamos dar uma olhada no outro lado dessa 'moeda'. O que a maioria das pesquisas tem mostrado é que trabalhar durante a adolescência não é tão *do bem* assim...

A grande maioria dos adolescentes, quando vai procurar emprego, ainda não teve nenhum treinamento para o trabalho. Por isso, acaba aceitando o trabalho que *pintar*, ou seja, qualquer trabalho.

Na maioria das vezes, os trabalhos que *pintam* são repetitivos, monótonos, não ensinam praticamente nada de importante para trabalhos futuros, não ajudam a desenvolver habilidades, não oferecem chances de promoção.[16, 32, 36] A gente até pode dar um apelido a eles: '*Trabalhos SEM*' — *sem* registro, *sem* proteção das leis, *sem* benefícios, *sem* treinamento adequado...

Enfim, trabalhos desse tipo acabam não trazendo nenhuma vantagem: não educam, não trazem desenvolvimento, não pagam bem... [26]

E se, além de tudo isso, eles ainda prejudicarem os estudos?

Já está dando para perceber que, quando alguém perguntar se trabalhar na adolescência é *do bem* ou *do mal*, a resposta certa sempre vai ser: *DEPENDE!* Depende do ***tipo*** de trabalho, e também do ***quanto*** e do ***quando*** o(a) adolescente trabalha.

Como assim?

O *quanto* tem a ver com *a quantidade de horas* de trabalho por dia e por semana. O *quando* tem a ver com a necessidade ou não de o(a) adolescente trabalhar durante o fim de semana. Saber *quanto* e *quando* o(a) adolescente trabalha é muito importante, porque disso vai depender o *quanto* e o *quando* ele(a) vai poder

estudar, descansar, participar de atividades esportivas, culturais e sociais, na escola e fora dela.

No começo deste livro, a gente comentou que os adolescentes são pessoas que ainda estão se desenvolvendo. Ainda precisam acabar de crescer – física, mental e emocionalmente. Também precisam aprender a trabalhar. Mas, para poderem aprender a trabalhar da melhor maneira possível, precisam primeiro estudar...

Pesquisadora: "*Você trabalha sábado e domingo inteiro, quando tem serviço?*".
L.J.: "*Quando tem, até feriado a gente trabalha, né? Fica direto. Às vezes não dá para vir na aula, tem que terminar alguma encomenda lá, para entregar em tal dia, né? O tempo é pouco... A gente não vem na aula e faz o serviço, e manda embora, né? Entrega...*"
(garoto de 16 anos, aluno da 6ª série do Ensino Fundamental, que trabalha em uma fábrica de móveis).

piiiiiiiiiiiiiiiii

Escola & 'Trampo'
ou 'Trampo' x Escola?

cap. 5

O título deste capítulo fica mais claro se a gente pensar nas duas perguntas seguintes:

- o *tipo de trabalho* e o *número de horas* que os adolescentes trabalham por dia e por semana permite que eles consigam, numa boa, ***estudar e também trabalhar***?

  ou

- o *tipo de trabalho* e o *número de horas* que eles trabalham por dia e por semana faz deles ***trabalhadores que,*** **a duras penas,** ***tentam continuar estudando***?

O trabalho não os deixa cansados demais, não faz com que eles durmam nas aulas, não impede que eles consigam se concentrar para aprender? Em outras palavras: quais são as conseqüências negativas do trabalho para a formação escolar e para o futuro profissional dos adolescentes?

Uma pesquisa feita com estudantes de 5ª a 8ª séries que trabalham e que não trabalham mostra que eles consideram o trabalho como uma coisa positiva, que traz vantagens para sua vida emocional e social. Mas, quando a gente pergunta sobre como é estudar e trabalhar ao mesmo tempo, os mesmos adolescentes

dizem que isso traz um cansaço enorme, um grande desgaste físico e emocional. Mesmo assim, eles acham importante continuar estudando e trabalhando, para poderem construir um futuro diferente daquele que suas famílias conseguiram. [30]

"Mas o primeiro que você tem que fazer é estudar, porque senão, que profissão você vai ter? Você vai trabalhar com o quê?".
(D.T.G., adolescente trabalhador)

"O trabalho atrapalha meus estudos porque não tenho tempo para estudar. Eu saio de casa às 6:00h da manhã e vou para a escola... Saio às 12:00h da escola e vou trabalhar. Só volto para casa às 23:00h"
(G.R.A., 16 anos, estudante da 8ª série, auxiliar de balconista em supermercado).

"Saio de lá às cinco horas. Eu vou com o chefe até em casa. Tenho que tomar banho para chegar aqui [na escola]. Eu saio de lá [de casa] às sete horas. Chego aqui às oito".
Pesquisadora: *"Aí não deixam você entrar?"*
"*Não, aí eu faço só três aulas".*
(B.R.F., 18 anos, estudante da 2ª série do Ensino Médio, ajudante geral em uma empresa de reciclagem).

"Se você pensa no futuro, você fala: eu tenho que ir para a escola, porque só na escola eu vou conseguir alguma coisa futuramente".
(P.R.R., adolescente trabalhador)

No Brasil, cinco milhões e meio de crianças e adolescentes (de 5 a 17 anos) trabalham: são quase trezentos mil com idades entre 5 e 9 anos; dois milhões com idades entre 10 e 14 anos; oitocentos mil com 15 anos, e dois milhões e trezentos mil, entre 16 e 17 anos.[33] Quase metade dos adolescentes começa a trabalhar entre os 12 e os 14 anos.[11]

Um estudo feito nos Estados Unidos mostra que estudantes do Ensino Médio que têm trabalhos de 'baixa intensidade', isto é, trabalhos de **no máximo 4 horas por dia,** ou **20 horas por semana**, quando chegam à faculdade aproveitam melhor os estudos, têm menos desemprego e ganham melhores salários. [16, 37, 38]

No Brasil, os dados mostram que a situação de trabalho da maioria dos adolescentes brasileiros não é de 'baixa intensidade'. A maioria dos adolescentes (56%) trabalha mais de 4 horas por dia, e mais ou menos um terço trabalha mais de 8 horas por dia, ou mais de 40 horas por semana. [21]

"Eu faço agendamentos, marco consultas, faço avaliação, marco as avaliações. (...) Eu atendo telefone, anoto recado, às vezes eu tenho que limpar algumas coisas lá, ficar na recepção, organizar fichas, pastas. (...) Eu trabalho das 8 às 6. São dez horas. Trabalho de segunda a sábado. (...) De sábado eu trabalho das 8 às 2. (...) De vez em quando... é para eu sair às 6, eu saio às 6:30. O mais tarde que eu saio é às 7."

(A. B. S., 16 anos, estudante da 2ª série do Ensino Médio, período noturno, trabalha como recepcionista em um consultório de fisioterapia).

Ir à escola e ter ao mesmo tempo um trabalho de ‘alta intensidade’ não costuma dar certo... Afeta o aproveitamento dos estudos, a saúde; compromete o desenvolvimento físico, intelectual e emocional; e pode atrapalhar a entrada da pessoa, mais tarde, no mercado de trabalho. [26]

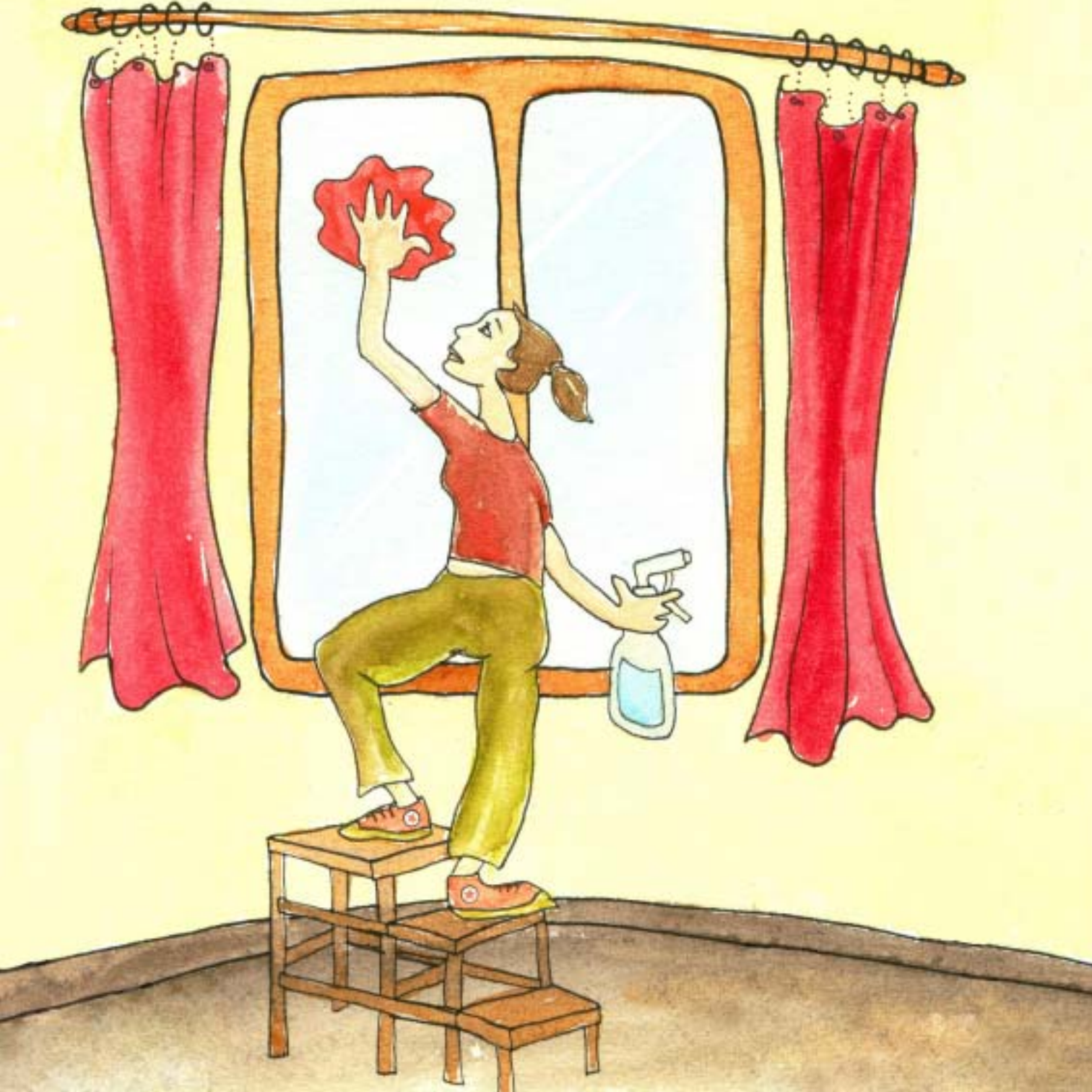
Muitas vezes, quando o adolescente trabalha muitas horas por dia ou faz um trabalho cansativo demais, acaba não agüentando por muito tempo essa vida, e, como não pode parar de trabalhar, larga os estudos. Nesse caso, já estará prejudicando o seu futuro, pois os conhecimentos e os diplomas que deixará de conquistar vão lhe fazer falta na hora de competir por um bom emprego. Não ir mais à escola significa, enfim, perder a chance de se incluir na sociedade, para então ajudar a mudar nela o que está injusto e mal resolvido, como essa história de adolescente ter que trabalhar como se fosse adulto...

Tem também os adolescentes que vão levando trabalho e estudo juntos, na maior *ralação*. Além de terem menos tempo de aula que os alunos da manhã, os estudantes trabalhadores do noturno acabam tendo um aproveitamento muito baixo, por causa do cansaço, da sonolência, das dificuldades de horário, da falta de tempo para estudar...

“Os adolescentes são vencidos pelo cansaço. O que há é um trabalhador que estuda, não um estudante que trabalha”. [26]

6 cap.

Perigos 'Escondidos' no Trabalho...



No começo deste livro, a gente disse que mesmo os adolescentes com pernas muito compridas não podem ser considerados adultos, porque ainda estão ***em desenvolvimento.***

Como ainda não têm nenhuma formação técnica, eles costumam ser colocados para fazer tarefas repetitivas, monótonas, que exigem a mesma posição do corpo (imobilidade) por muito tempo seguido, ou então para fazer serviços pesados, que os deixam exaustos no final do dia. Nesses tipos de trabalho, os adolescentes geralmente não podem escolher o jeito de executar as suas tarefas, e estas tarefas costumam trazer pouco ou nenhum aprendizado interessante. [26]

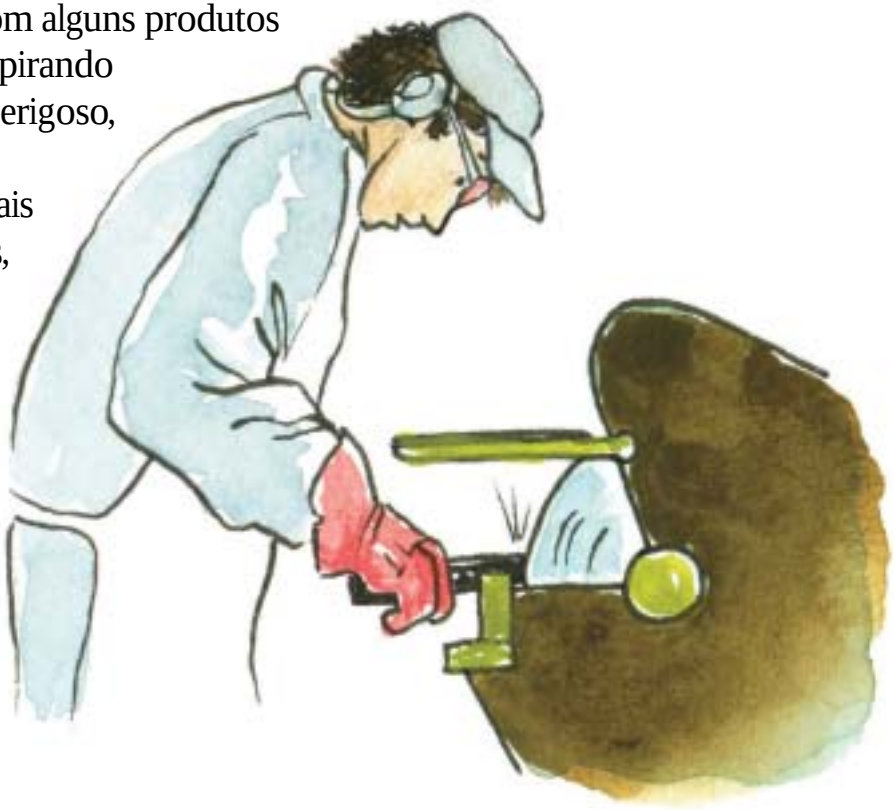
A grande maioria dos adolescentes trabalhadores (mais de 80%) também não tem carteira assinada, nem contrato de trabalho. Por isso, eles não são chamados para fazer os exames médicos que todos os empregados devem fazer de tempos em tempos, e também quando entram e saem dos empregos; geralmente, não são treinados para as tarefas que vão executar, e não sabem nada dos perigos que estão correndo, de se machucarem, de terem acidentes graves com as máquinas e os equipamentos de trabalho. [7, 12, 15, 16, 25, 27, 28] Isso tudo fica ainda mais arriscado se o(a) adolescente trabalha sem uma boa supervisão...[28]

Pelo que mostram as pesquisas, quando se fala de trabalho, nem tudo é igual para as garotas e os garotos... A maioria dos adolescentes que trabalham são garotos e estão em ocupações consideradas muito perigosas, como construção civil e indústria. As garotas trabalham principalmente no comércio e nos serviços domésticos e, apesar de trabalharem mais horas do que os garotos, geralmente ganham salários menores. [4]

Como a gente vai ver a seguir, para a saúde das crianças e dos adolescentes, o trabalho costuma ser um enorme problema! [29]

Um estudo publicado no ano de 2000 pelo Ministério do Trabalho e Emprego[24] mostra todos os tipos de trabalhos em que os fiscais encontraram crianças e adolescentes trabalhando. E vai explicando por que os problemas de saúde que aqueles trabalhos costumam provocar são muito mais graves quando o trabalhador é uma criança ou um adolescente.

Aqui vão alguns exemplos: o adolescente que trabalha em um ambiente com excesso de ruído tem mais chance de ficar surdo, porque seu sistema nervoso ainda não está totalmente desenvolvido e é mais sensível que o do adulto; pela mesma razão, trabalhar colando sapatos afeta os adolescentes mais que os adultos, pois o solvente que existe na cola ataca o sistema nervoso; isto também acontece com alguns produtos de limpeza; trabalhar respirando poeiras também é mais perigoso, pois as crianças e os adolescentes respiram mais rápido do que os adultos, e por isso seu aparelho respiratório absorve maior quantidade de poeira. [24]



Trabalhar fazendo um grande esforço físico também faz o coração da criança e do(a) adolescente trabalhar muito mais do que o de uma pessoa adulta, porque os batimentos do coração das crianças e dos adolescentes são mais rápidos que os dos adultos. Existem vários outros exemplos desse tipo, mostrando que o sistema digestivo, a pele, enfim, todos os órgãos das crianças e dos adolescentes são mais sensíveis que os dos adultos aos problemas que o trabalho pode provocar. [25]

Pesquisadora: *"Você se cansava muito?"*
M.T.S *"Cansava, porque eu ficava das seis da manhã... e ficava até as seis da tarde. Daí eu comecei a ficar tonta, porque eu dormia muito pouco, porque eu estudava à noite. Chegava à meia-noite e às cinco e meia tinha que levantar."*
Pesquisadora: *"Quando você começou a trabalhar você começou a sentir dores no corpo?"*
M.T.S. *"Não, só uma vez que a patroa falou pra gente limpar o teto com água sanitária... É muito forte e pingava no olho."*
Pesquisadora: *"E você não usava nada pra proteger?"*
M.T.S. *"Não"*.
Pesquisadora: *"Isso foi ordem de quem?"*
M.T.S. *"Da patroa. Eu fiquei uma semana chorando, sabe?"*.
(Estudante de 18 anos que trabalha como doméstica em uma pousada).

As condições em que a gente trabalha podem trazer problemas para o nosso ***corpo*** e para a nossa ***mente***. Por exemplo, trabalhar usando alguns tipos de solventes tóxicos pode provocar problemas no sistema nervoso, fazendo a gente ter uma enorme irritação, nervosismo, falhas de memória, falhas do raciocínio... [14]

Trabalhar numa coisa monótona, que não faça a gente aprender nada de novo; trabalhar durante muitas horas seguidas sem poder fazer pausa; trabalhar com um chefe muito nervoso e desconfiado, daqueles que ficam o tempo todo cobrando rapidez, fazendo pressão... – tudo isso pode fazer mal para a saúde. Pode fazer nascer dentro da gente uns sentimentos ruins, de tristeza, de frustração, que vão se misturando com outros sentimentos ruins, como medo, insegurança, pessimismo... E tudo isso acaba estourando no corpo da gente, na forma de dores, doenças, ou tomando conta da cabeça da gente, na forma de comportamentos esquisitos, sofrimento psíquico, insônia, e até depressão.[31]

Como Anda a Saúde dos Adolescentes Trabalhadores?

cap.7

Além de prejudicar o seu desenvolvimento físico, o **trabalho inadequado** e as **más condições de trabalho** podem trazer muitas conseqüências negativas para a saúde, a vida e o futuro dos adolescentes.

Pelo que mostram as pesquisas, parece que a saúde dos adolescentes que trabalham *não anda lá muito bem das pernas...*

Em uma escola pública da cidade de São Paulo foram feitas várias pesquisas, com alunos que cursavam o Ensino Médio. Uma parte desses alunos só estudava; a outra, trabalhava de dia e estudava à noite. As pesquisas mostraram que a grande maioria (62%) dos alunos que trabalhavam e estudavam sentia **dores no corpo.** [6, 8]

> Pesquisadora: *"As pessoas do seu serviço falam alguma coisa sobre dores no corpo, reclamam muito?"*
> E.P.S. *"Bastante. Eu estou com dores no corpo agora, por isso não queria sentar".*
> Pesquisadora: *"E você acha que a culpa é do trabalho?"*
> E.P.S. *"Um pouco, sim, porque você fica com as costas tortas... Eu fico muito tempo agachado".*
> Pesquisadora: *"E o que o chefe fala sobre isso?"*
> E.P.S. *"Ele não fala nada. Ele só quer o serviço pronto".*
> (E.P.S., 18 anos, aluno da 1ª série do Ensino Médio, que trabalha com manutenção de computadores).

Como a gente disse antes, os ossos, os músculos e o sistema nervoso dos adolescentes ainda estão se desenvolvendo. Por isso, carregar coisas muito pesadas, ou ficar muitas horas com o corpo em uma posição desconfortável, como agachado ou curvado, por exemplo, são situações que podem trazer problemas para a saúde e até doenças.

Um exemplo de doenças que acontecem quando o trabalho nos obriga a forçar demais as juntas, músculos, tendões e nervos são as 'LER'*, que hoje são

* Lesões por Esforços Repetitivos.

conhecidas como ‘DORT’**. Essas doenças podem ir prejudicando aos poucos aquelas partes do corpo, e até fazer com que elas não funcionem direito depois de alguns anos.

Mesmo trabalhos que não são pesados fisicamente podem provocar dores no corpo e doenças. Por exemplo, se a pessoa fica o tempo todo trabalhando na maior tensão, debaixo da maior pressão – porque o supervisor cobra rapidez o tempo todo; porque tem que fazer coisas difíceis sem ter sido treinada para isso; ou porque está tendo mais responsabilidade do que consegue agüentar...

As pesquisas também mostram que os estudantes trabalhadores têm muitos **problemas com o sono.** [34, 35, 36]

Aposto que você adora dormir, certo? Aliás, uma das coisas que os adolescentes mais adoram fazer é dormir... Mas isso não tem nada a ver com preguiça, como muita gente pensa... Tem a ver com um *atraso de fase de sono.*[18] Isso aí significa que o ‘relógio’ do organismo (também conhecido como ‘relógio biológico’), **atrasa os horários de dormir e de acordar** – ou seja, é o organismo dos adolescentes que faz com que eles tenham vontade de dormir mais tarde e de acordar mais tarde!

E os horários da escola não acompanham esse atraso. Ao contrário, nessa época os alunos têm que entrar ainda mais cedo na escola, como na 5ª série do Ensino Fundamental e na 1ª série do Ensino Médio.

As pesquisas mostram que os garotos que estudam e trabalham dormem menos horas do que os que só estudam. Os alunos que não trabalham dormem quase nove horas por noite. Os que trabalham dormem pouco menos de sete horas por noite, e têm muita dificuldade para acordar de manhã.

** Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho.

Uma conseqüência de tudo isso é que os estudantes que trabalham têm muita ***sonolência***... E esta sonolência traz duas outras conseqüências importantes:
1) a sonolência durante o dia aumenta a chance de sofrer acidentes no trabalho;
2) a sonolência durante as aulas, à noite, aumenta o risco de eles não entenderem *bulhufas* do que os professores falam... [7, 35]

> Pesquisadora*: "A que horas você começa e a que horas você termina o trabalho?"*
> M.L. *"Eu começo às sete e termino às cinco da tarde"*.
> Pesquisadora: *"São nove horas de trabalho. Quantos dias da semana você trabalha?"*
> M.L. *"Cinco. De segunda a sexta"*.
> Pesquisadora: *"Você tem problema de sono?"*
> M.L. *"Tenho muito sono"*.
> Pesquisadora*: "Você acha que dorme pouco?"*
> M.L. *"Eu durmo pouco"*.
> Pesquisadora*: "Dorme menos por causa do trabalho?"*
> M.L. *"Isso... Eu acordo sempre sete horas. Vou dormir meia-noite, porque eu estudo"*.
> (M.L., 18 anos, aluna da 3ª série do Ensino Médio, embaladora em fábrica de artigos de acrílico).

cap. 8

O que os Adolescentes Sabem sobre os Perigos de Acidentes e Doenças Relacionados ao Trabalho?

Em São Paulo, se você tentar atravessar uma rua sem olhar para os lados, corre o risco de um caminhão te atropelar e você virar *paçoca*... Do mesmo jeito, se você não conhecer os perigos que existem no seu trabalho, pode sofrer um acidente ou ter a sua saúde muito prejudicada...

P.I. *"Lá eles não davam luva, nada. Nossa, era ruim... Eu mexia na máquina lá, aí vinha aquele pó. Eu ficava tonto. A mão voltava tudo cor-de-rosa do produto".*
Pesquisadora: *"Aquele produto é chamado paradiclorobenzeno e é tóxico, faz mal. Eles falavam para vocês tomarem cuidado?"*
P.I. *"Não. Dava dor de cabeça... Chegava em casa cansado, muito cansado..."*
Pesquisadora: *"Alguma vez ele falou que esse produto é tóxico, que faz mal?"*
P.I. *"Não, pra mim ele nunca falou".*
(P.I., 18 anos, ajudante geral em uma fábrica de pedras sanitárias).

Pesquisadora: *"Você falou que teve dois acidentes. Um você estava pintando e escorreu cal no olho. E o que aconteceu com o olho?"*
T.R. *"Comecei a sentir queimar o olho, aí corri lavar, aí meu pai falou pra mim lavar, aí eu fui pondo água e foi parando"*.
Pesquisadora: *"Agora o que você faz pra não acontecer de novo?"*
T.R. *"Eu não olho pra cima. Em cima eu deixo pro meu pai pintar"*.
(T.R., 12 anos, ajudante de pintor).

No Brasil ainda não existem informações completas sobre doenças e acidentes que acontecem com crianças e adolescentes que trabalham. Mas algumas pesquisas mostram uma situação grave. Em 1997 foram registradas 218 mortes por acidentes do trabalho de pessoas com menos de 18 anos. Mas como a maioria dos menores de idade não tem registro, muitos acidentes e mortes podem ficar 'escondidos', fora das estatísticas de acidentes do trabalho. [33]

O que você acha? Você conhece os perigos que existem no seu trabalho? Pode acontecer algum acidente por lá? Com que tipo de produtos você e as outras pessoas lidam no seu local de trabalho? Eles podem fazer mal para a saúde?

"Eu acho que devia ter luva, botas, avental... Eu até tenho avental, mas eu não gosto. Eu gosto de molhar a barriga quando eu estou lavando a louça. É mania. Eu queria ter bota e queria que a faca fosse um pouco menor. É porque é faca de cozinheiro... Outro dia estava no banheiro e caí. É perigoso esse ... posso quebrar a cara, pescoço, cortar o dedo... Tenho várias marcas de corte com a faca. Eu me machuco toda. Também tenho marca porque me queimei no ferro. A minha barriga tem uma marca porque caiu água fervendo, quando eu fui fazer café, aí ficou cheio de bolhas. Tenho também uma marca de quando eu caí no banheiro. Estava lavando o banheiro com cândida e sabão. Eu fui lavar e caí... E, de ficar mexendo com sabão, as minhas unhas ficaram com unheiro".
(reunião das falas mais freqüentes surgidas nas entrevistas realizadas com estudantes do Ensino Médio que trabalham como empregadas domésticas)[27].

Pesquisadora: *"Por que você acha que ocorrem acidentes de trabalho?"*
T.J.P. *"Porque a pessoa fica desligada, com sono, quer fazer tudo rápido"*.
Pesquisadora: *"E de quem é a culpa?"*
T.J.P. *"Um pouco da pessoa e um pouco do ambiente de trabalho. Ambiente de trabalho que não traz segurança..."*
Pesquisadora: *"Dá um exemplo"*.
T.J.P. *"No meu trabalho é por causa da organização. Se fosse mais organizado ia ser melhor."*
Pesquisadora: *"O que o seu chefe fala sobre acidentes de trabalho?"*
T.J.P. *"Fala 'cuidado'"*.
Pesquisadora: *"Os seus colegas utilizam algum equipamento de proteção?"*
T.J.P. *"Só luva"*.
Pesquisadora: "*Você já presenciou algum colega sofrendo acidente de trabalho?"*
T.J.P. *"Já. Tomou uma pancada na cabeça."*
Pesquisadora: *"Do quê?"*
T.J.P. *"Não lembro."*
Pesquisadora: *"Machucou?"*
T.J.P. *"Só caiu."*
Pesquisadora: *"O que você acha que causou o acidente?"*
T.J.P. *"Eu. Eu joguei um saco em cima dele. Eu joguei e ele não viu. É um passando para a mão do outro..."*.
Pesquisadora: "Era saco de quê?"
T.J. P. *"De papel."*
Pesquisadora: *"Caiu na cabeça dele e ele caiu?"*
T.J.P. *"É... Tava cheio de jornal."*
(T.J.P., 18 anos, aluno da 2ª série do Ensino Médio, que trabalha como ajudante geral em uma empresa de reciclagem de lixo).

As pesquisas têm mostrado que, no trabalho, é como se os adolescentes estivessem o tempo todo ‘atravessando rua sem olhar para os lados’: a grande maioria não sabe *nadica de nada* sobre riscos de acidentes e de doenças relacionadas ao trabalho. Na escola, ninguém costuma falar sobre isso. Nos locais de trabalho, também não se costuma falar sobre isso...

Os adolescentes não sabem os riscos de mexer nas máquinas, equipamentos, de ficar em contato com certos produtos químicos perigosos... E também não costumam ter treinamento para lidar com essas máquinas, esses equipamentos, esses produtos... [15, 27] Desse jeito, é como se eles ficassem atravessando ruas em que os caminhões, motos e ônibus estivessem lá, mas *fossem invisíveis*... E se você não sabe que aqueles ‘caminhões’, ‘motos’ e ‘ônibus’ existem, mesmo que estejam ‘invisíveis’, como vai saber se proteger dos perigos que está correndo? Como vai tentar evitar esses perigos?

O que as pesquisas têm mostrado é que, por não terem essas informações, os adolescentes acham que os acidentes só acontecem por descuido, por distração de quem estava fazendo o trabalho... A maioria deles não tem a oportunidade de saber que, conhecendo os perigos, dá para **prevenir os acidentes** – evitar que eles aconteçam! Eles também não sabem que é obrigação dos empregadores proteger a saúde e a segurança dos trabalhadores...

Para ajudar os médicos a descobrir se uma doença está ou não ligada ao trabalho que a pessoa faz, o Ministério da Saúde publicou uma Lista de Doenças Relacionadas ao Trabalho. [22]

cap. 9

Direitos dos Adolescentes

"Não conheço direito nenhum. Nunca tive carteira assinada. Esse negócio que a senhora falou... como chama? Estatuto da Criança e do Adolescente, nunca ouvi falar" (garota de 16 anos que ganhava a vida como prostituta e faxineira). [25]

Quase todo mundo já ouviu falar do Estatuto da Criança e do Adolescente. Mas nem todo mundo sabe que esse Estatuto (às vezes chamado só de 'ECA') é a lei que dá proteção às crianças e aos adolescentes no Brasil. É muito importante que todo mundo conheça bem o ECA, para saber quais são os seus direitos e assim poder se defender, quando esses direitos não estiverem sendo respeitados. Neste capítulo, vamos falar um pouco dos direitos dos adolescentes em relação ao trabalho.

O ECA considera como adolescentes as pessoas que têm entre 12 e 18 anos. [1, 2] Quem é menor de 14 anos não pode trabalhar: é proibido. Essas pessoinhas devem ir à escola, estudar, praticar atividades físicas, brincar.

Quem já fez 14 anos pode trabalhar, mas **só como aprendiz.** Isso significa ter uma *aprendizagem de trabalho*, ou seja, ter um trabalho que seja educativo e não prejudique os estudos. Já os adolescentes com mais de 16 anos podem trabalhar, mas não depois das dez horas da noite, nem em trabalhos que sejam perigosos ou que façam mal para a saúde [1], como por exemplo: trabalhar com prensas, máquinas de moer, objetos cortantes; trabalhar com eletricidade; trabalhar na construção de casas e prédios, subindo em telhados e andaimes, aplicar agrotóxicos (inseticidas) em plantações, fabricar fogos de artifício, etc.

As crianças e os adolescentes têm uma porção de direitos, mas ainda tem muito chão para que a gente possa dizer que esses direitos estão sendo respeitados... Por exemplo, o direito à saúde, à educação e à profissionalização. A gente só vai poder

dizer que esses direitos estão respeitados quando todas as crianças e adolescentes brasileiros puderem ter uma boa alimentação, uma boa assistência à saúde, condições de praticar esportes e atividades físicas regularmente e boas condições de ensino; e, para os adolescentes, um programa de preparação para o trabalho que não prejudique seu aproveitamento na escola, seja adequado ao seu desenvolvimento e seja feito em horários adequados. [2]

Veja o que diz o artigo 69 do ECA:

"O adolescente tem direito à profissionalização e à proteção no trabalho, observados os seguintes aspectos, entre outros:

I - respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento;

II - capacitação profissional adequada ao mercado de trabalho."

cap. 10

Caminhos para uma Vida Melhor.

Pode até parecer esquisito, mas não é muito fácil definir o que é saúde. A definição mais conhecida, desde os anos 70, diz que ter saúde é *não ter doenças, e ter um completo bem-estar físico, mental e social.* [39]

Uma outra definição diz que a saúde da gente não é igual o tempo todo. Está sempre mudando. E faz parte de uma coisa maior, chamada *Qualidade de Vida.* Ter saúde significa *ter bem-estar em relação ao nosso corpo (esfera biológica); aos nossos sentimentos (esfera emocional); à maneira como nos integramos à sociedade (esfera social) e à maneira como nos integramos no meio ambiente.*

Para ter saúde, é preciso:

1) ter hábitos de vida saudáveis;

2) viver em um meio ambiente saudável;

3) ter um ambiente de trabalho saudável.

A figura abaixo mostra várias áreas que interferem na nossa saúde[5]:

A saúde é uma parte de uma coisa maior: a qualidade da nossa vida.

A saúde depende das **condições em que a gente vive.** Depende, por exemplo, de como a gente se alimenta (ou não se alimenta); das condições em que a gente mora (se tem ou não umidade nas paredes, se tem ou não boa ventilação, água encanada, rede de esgoto, etc.); do lugar onde a gente mora (se é um bairro com muita violência, se tem policiamento, se tem condução fácil para ir para o trabalho e para a escola, se tem parques, áreas de lazer, etc.); do dinheiro que a gente tem ou não (para comprar comida, remédios, agasalho, sapatos, etc.); do tanto de horas que a gente dorme (ou não) todas as noites...

Mas a saúde também depende das **escolhas** que a gente vai fazendo e que vão virando hábitos (se a gente fuma ou não, se a gente bebe bebida alcoólica ou não, se a gente pratica esporte ou atividade física, ou se a única atividade física que a gente faz é subir e descer degrau de ônibus)...

O poeta espanhol Antonio Machado escreveu um poema [19] que diz: "*Caminhante, não há caminho... O caminho se faz ao andar*". O que esse poema quer dizer é que:

1) não existe *um jeito único*, ou *certo*, de cada um construir a própria vida: não existe *'um caminho'*;

2) todo dia a gente tem que fazer *escolhas*, e cada escolha que a gente faz é como se fosse *um passo*;

3) a cada 'passo' que nós damos, é como se estivéssemos construindo *um pedaço novo de chão*;

4) e todos os pedaços novos de chão que nós construímos, por meio das nossas escolhas, vão se juntando e se juntando... e formando um caminho que tem a nossa 'cara' – o *NOSSO caminho*...

As nossas escolhas dependem de várias coisas. Por exemplo, dependem da nossa vontade, do nosso desejo. Então podemos nos perguntar: O que eu quero fazer? O que eu prefiro?

Por exemplo, se você escolhe assim: *"Fumar, tô fora..."*, vai estar fazendo a melhor escolha para sua saúde. Se você toma uma ***breja*** com os amigos de vez em quando, sem exagerar, tudo bem. Mas se entrar nessa de beber todo dia, ou de encher a cara até cair; se entrar numas de transar sem usar camisinha, ou de se drogar, *pelamordedeus!...* Aí, a tua saúde, a tua vida, o teu futuro, podem ir todos ***pro brejo...***

Como a gente disse antes neste livro, quando se fala de trabalho, uma parte dos adolescentes brasileiros não tem escolha. Para eles, aí vão algumas recomendações:

1) Se você ainda não fez 14 anos, não deve trabalhar. É proibido por lei! Converse com seus pais, para que eles tentem conseguir uma ajuda do governo, tipo a *Bolsa-Família*, para que você possa só estudar, e estudar *bem.* Se os seus pais não conseguirem esse tipo de ajuda, converse com seus professores, peça para eles discutirem em classe o Estatuto da Criança e do Adolescente; converse com a diretora da sua escola, peça para que ela convide o pessoal do Conselho Tutelar da cidade para ir dar uma força.

2) Se você já fez 14 anos e precisa trabalhar, vá em busca de uma vaga de aprendiz. Nesse tipo de trabalho você vai aprender uma profissão de verdade, na prática e na teoria, e trabalha no máximo 6 horas por dia, se ainda estiver no Ensino Fundamental. Tem uma lei que trata disso: a 'Lei do Aprendiz' (Lei No. 10.097, de 19 de dezembro de 2000). [1]

3) Se você tem mais de 16 anos e menos de 18, pode trabalhar, mas não no horário noturno, nem em trabalhos perigosos para a saúde, como a gente já disse no capítulo anterior.

E, seja lá que trabalho for o seu, você tem direito:

- a um local de trabalho saudável

- a se recusar a trabalhar em tarefas perigosas para sua saúde e para sua segurança

- a receber equipamentos de proteção adequados à sua tarefa e ao seu tamanho (por exemplo, luvas de proteção, sapatos de segurança, capacetes, etc.)

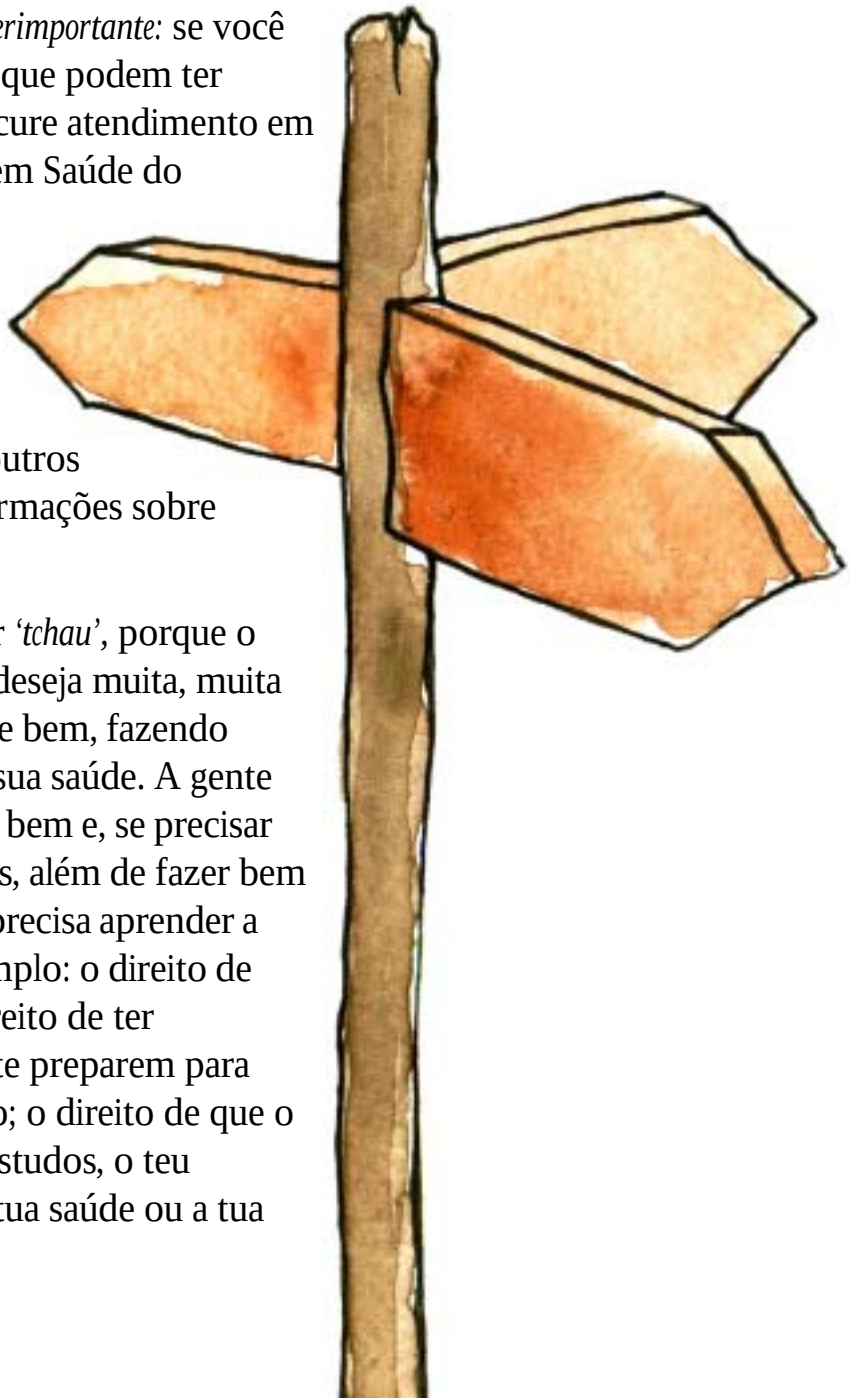
- a receber pagamento em dinheiro pelo seu trabalho

- a receber assistência médica, no caso de ter um acidente ou ficar doente por causa do trabalho

- a trabalhar sem sofrer discriminação de raça ou levar *cantadas* de chefes...

E se você tem medo de ser mandado(a) embora por reclamar de algum desses problemas, vá procurar apoio no sindicato, na Delegacia Regional do Trabalho, nos Conselhos de Direitos das Crianças e dos Adolescentes, nos Conselhos Tutelares da sua cidade. Você também pode pedir ajuda no Ministério Público – eles têm pessoas que só cuidam dos direitos das crianças e dos adolescentes.

Finalmente, uma dica *superhiperimportante:* se você sente dores ou outros sintomas que podem ter relação com o seu trabalho, procure atendimento em um dos Centros de Referência em Saúde do Trabalhador (CERESTs). Eles atendem de graça, porque fazem parte do SUS (Sistema Único de Saúde). A seguir, você vai encontrar alguns endereços desses Centros e de outros lugares onde pode ter mais informações sobre tudo o que leu neste livro.



Agora, chegou a hora de dizer *'tchau'*, porque o livro está acabando. A gente te deseja muita, muita sorte! E espera que você se cuide bem, fazendo escolhas que sejam boas para a sua saúde. A gente também espera que você estude bem e, se precisar trabalhar, que trabalhe bem. Mas, além de fazer bem os seus ***deveres***, você também precisa aprender a exigir os seus ***direitos***. Por exemplo: o direito de receber um bom ensino [17]; o direito de ter oportunidades de trabalho que te preparem para exercer uma profissão no futuro; o direito de que o trabalho não atrapalhe os teus estudos, o teu desenvolvimento, nem roube a tua saúde ou a tua vida...

Saiba mais...

Biblioteca da Faculdade de Saúde Pública – Av. Dr. Arnaldo, 715 – Cerqueira César. CEP: 01246-904. São Paulo (SP). Fone: (11) 3066-7760. www.bibcir.fsp.usp.br

Biblioteca Doutor Eduardo Gabriel Saad, da **FUNDACENTRO** (Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho). R. Capote Valente, 710. Pinheiros. CEP: 05409-002. São Paulo (SP). Fone: (11) 3066-6000. www.fundacentro.gov.br/BIB/

Ministério da Saúde: www.saude.gov.br

Coordenação da Área Técnica de Saúde do Trabalhador: cosat@saude.gov.br

Ministério do Trabalho e Emprego: www.mte.gov.br

Ministério da Educação: www.mec.gov.br

Ministério da Justiça: www.mj.gov.br

Ministério Público do Trabalho: www.pgt.mpt.gov.br

Ministério Público nos Estados, Distrito Federal e Territórios:
Acre – www.mp.ac.gov.br
R. Marechal Deodoro, 472. CEP: 69900-210. Fone: 0800-902078.
Alagoas – www.mp.al.gov.br
R. Dr. Pedro Jorge Melo e Silva, 79 – Poço. CEP: 57025-400. Maceió. Fone: (82) 336-6060.
Amapá – www.mp.ap.gov.br
Av. Fab, 64 - Centro. CEP: 68.900-000. Macapá. Fone: (96) 212-1700.
Amazonas - www.mp.am.gov.br
Av. Cel. Teixeira, 7995 – Nova Esperança. CEP: 69.030-480. Manaus. Fone: (92) 655-0583, 655-0585

Bahia – www.bahia.ba.gov.br/ministerio
Av. Joana Angélica, 902, sala 104, Nazaré. CEP: 40050-001. Salvador. Fone: (71) 321-9310.
Ceará - www.pgj.ce.gov.br
Av. Heráclito Graça, 100 – Centro. Fortaleza. CEP: 60140-231. Fone: 0800-858001.
Distrito Federal e Territórios - www.mpdft.gov.br
Eixo Monumental. Praça do Buriti, Lote 02. CEP: 70091-900. Brasília. Fone: (61) 343-9500.
Espírito Santo – www.mpes.gov.br
R. Humberto Martins de Paula, Ed. Prom. Edson Machado, 35– Enseada do Suá. CEP: 29.050-265. Vitória. Fone: (27) 3224-4500.
Goiás - www.mp.go.gov.br
R. 23 com Av. Fued José Sebba, qd. A-6, lts. 01/24, Jardim Goiás. CEP: 74.805-100. Goiânia. Fones: (62) 243-8039, 243-8040.
Maranhão – www.pgj.ma.gov.br
R. Oswaldo Cruz, 1396 – Centro. CEP: 65.020-910. São Luís. Fone: 0800-981600.
Mato Grosso - www.mp.mt.gov.br
R. Diogo Domingos Ferreira, 402. Bandeirantes, Cuiabá. CEP: 78.010-210. Fone: 0800-6471700.
Mato Grosso do Sul - www.mp.ms.gov.br
R. Pedro Celestino, 1104 – Centro. CEP: 70.002-370. Campo Grande. Fone: (67) 383-6068, 382-7145.
Minas Gerais - www.mp.mg.gov.br
Rua Araguari, 658 – Barro Preto. CEP: 30.190-110. Belo Horizonte. Fone: (31) 3337-6430
Pará - www.mp.pa.gov.br
Rua João Diogo, 100 – Cidade Velha. CEP: 66.015-160. Belém. Fone: (91) 4006-3400.
Paraíba - www.pgj.pb.gov.br
Rua Rodrigues de Aquino, s/n – Centro. CEP: 58.013-030. João Pessoa. Fone: (83) 2107-6000/ -6128.
Paraná - www.mp.pr.gov.br
Av. Marechal Floriano Peixoto, 1251 – Rebouças. CEP: 80.230-110. Curitiba. Fone: (41) 219-5291.
Pernambuco - www.mp.pe.gov.br
Av. Visconde de Suassuna, 99 – Boa Vista. CEP: 50050-540. Recife. Fone: (81) 3303-5051
Piauí – www.mp.pi.gov.br
R. Álvaro Mendes, 2294 – Centro. CEP: 64.000-600. Teresina. Fone: (86) 222-5570.
Rio Grande do Norte – www.mp.rn.gov.br
R. Dr. Lauro Pinto, 315 – Lagoa Nova. CEP: 59.065-250. Natal. Fone: (84) 616-9000.

Rio Grande do Sul - www.mp.rs.gov.br
Rua Andrade Neves, 106 – 9º andar. CEP: 90.010-210. Porto Alegre. Fone: (51) 287-0808.
Rio de Janeiro - www.mp.rj.gov.br
Av. Marechal Câmara, 370 – Centro. CEP: 20.020-080. Rio de Janeiro. Fone: (21) 2550-9050.
Rondônia - www.mp.ro.gov.br
Casa da Cidadania. R. Jamari, 1555 – Pedrinhas. CEP: 78.903-037. Porto Velho. Fone: (69) 216-3700.
Roraima: www.mp.rr.gov.br
Av. Santos Dumont, 710 – São Pedro. CEP: 69.306-040. Boa Vista. Fone: (95) 621-2900.
Santa Catarina - www.mp.sc.gov.br
Rua Bocaiúva, 1750. Centro. Florianópolis. CEP: 88.015-904. Fone: (48) 229-9000.
São Paulo – www.mp.sp.gov.br
Rua Riachuelo, 115 – Centro. CEP: 01007-904 – São Paulo. Fone: (11) 3119-9000.
Sergipe – www.mp.se.gov.br
Rua Fausto Cardoso, 327 – Centro. CEP: 049.010-080. Aracaju. Fone: (79) 216-2400.
Tocantins – www.mp.to.gov.br
Praça dos Girassóis, s/n. Caixa Postal: 13. CEP: 77.054-970. Palmas. Fone: (63) 218-3500.

Centros de Referência em Saúde do Trabalhador (CERESTs):
CEREST/São Paulo (SP) **-** Rua Conselheiro Crispiniano, 20 - 8º andar - Centro. CEP: 01037-000 – Fones: (11) 3259-9075 e 3231-5390. Fax: 3259-2202. cerestsp@ig.com.br
CEREST/Salvador (BA) - Rua Pedro Lessa, 123. CEP: 40.110-050 – Fones: (71) 336-0012 e 336-1627. cesat@saude.ba.gov.br
CEREST/Belo Horizonte (MG) – Av. Afonso Pena, 2300 s/905. CEP: 30.130-007. Fones: (31) 3261-4809 e 3261-6103. strabalhador@saude.mg.gov.br
CEREST/Rio de Janeiro (RJ) – Rua México, 128 – s/417. CEP: 20.031-142. Fones: (21) 2240-4418 e 2240-1748. pstrab@saude.rj.gov.br
CEREST/Porto Alegre (RS) – Rua Domingos Crescêncio, 132 – s/301. CEP: 90.650-090. Fones: (51) 3901-1113 e 3901-1145. trabalhador@saude.rs.gov.br
CEREST/Belém (PA) – Av. Generalíssimo Deodoro, 498. CEP: 66.050-160. Fones: (91) 241-3459 e 241-2404. cerest@sespa.pa.gov.br
CEREST/Fortaleza (CE) – Av. Imperador, 498. Fone: (85) 3101-5342. Fax: 3101-5346. cerest@hgcc.ce.gov.br

CEREST/Campo Grande (MS) – Rua Joel Dibo, 267. CEP: 79.002-060. Fones: (67) 312-1100 e 312-1112. cerestms@bol.com.br
CEREST/Dourados (MS) – R. Wanilton Finamore, 960 – Vila Industrial. CEP: 79.840-231. Fones: (67) 424-4070. Fax: 424-1013. crstddos@hotmail.com
CEREST/Manaus (AM) – Rua Codajás, 26. CEP: 69.065-130. Fones: (92) 612-4462 e 8133-9740. depes@saude.am.gov.br

Obs: Existem no Brasil 106 Centros de Referência em Saúde do Trabalhador, sendo 27 estaduais e 79 regionais. Maiores informações podem ser solicitadas ao CEREST/São Paulo (SP).

Centro de Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana – ECOS: www.adolec.br

Fundo das Nações Unidas para a Infância: www.unicef.org.br

Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança e do Adolescente: www.fundabrinq.org.br

Instituto Protagonistés: www.protagonistes.org.br

Referências bibliográficas

1. Brasil. Decreto lei n. 5452, de 1 de maio de 1943. Título III. Capítulo IV. Estabelece normas especiais de proteção do trabalho do menor. **Consolidação das leis de trabalho** [online]. Rio de Janeiro; 1943. Disponível em <URL:http://www.mte.gov.br/Trabalhador/CLT/default.asp> [2005 fev 12].

2. Brasil. **Estatuto da Criança e do Adolescente, lei nº 8069 de 13 de julho de 1990** [online]. Brasília (DF); 1990. Disponível em <URL:http://www.presidencia.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm> [2005 fev 12].

3. Dunn KA, Runyan CW, Cohen LR, Schulman MD. Teens at work: a statewide study of jobs, hazards, and injuries. **Journal of Adolescent Health** 1998; 22 (1):19-25.

4. Facchini LA, Fassa AG, Dall'Agnol M, Maia MFS. Trabalho infantil em Pelotas: perfil ocupacional e contribuição à economia. **Ciência & Saúde Coletiva** 2003; 8(4): 953-961.

5. Ferreira Júnior M. **Saúde no trabalho: temas básicos para o profissional que cuida da saúde dos trabalhadores**. São Paulo: Roca; 2000.

6. Fischer FM, Teixeira LR, Oliveira DS, Martins IS, Latorre MRD, Cooper SP e col. Accidents at work: health risks for adolescents of two small tows of São Paulo State, Brazil. In: **Proceedings of the International Symposium on Youth and Work**; 2002 Nov 20-22; Espoo, Finland.

7. Fischer FM, Oliveira DS, Teixeira LR, Teixeira MCTV, Amaral MA do. Efeitos do trabalho sobre a saúde de adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva** 2003; 8(4): 973-984.

8. Fischer FM, Oliveira DC, Nagai R, Teixeira LR, Lombardi Júnior M, Latorre MRDO e col. Job control, job demands, social support in the workplace and its relationship with health outcomes: a study of adolescents in São Paulo, Brazil. **Revista de Saúde Pública** 2005; 39 (2).

9. Fitzgerald ST, Laidlaw AD. Adolescents and work: risks and benefits of teenage employment. **American Association of Occupational Health Nursing** 1995; 43 (4):185-189.

10. Forastieri V. **Children at work: health and safety risks**. Geneva: International Labour Office; 1997.

11. Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF. **Pesquisa a voz dos adolescentes**. Brasil: UNICEF/Fator OM; 2002.

12. Galasso, L. Recordação da adolescência: um acidente do trabalho. In: Buschinelli JPT, Rocha LE, Rigotto RM, organizadores. **Isto é trabalho de gente?** Petrópolis: Vozes; 1994. p. 342-358.

13. Garavello ETA, Marques MMC, Fonseca MCA da, Klemenc M. O trabalho do adolescente e sua relação com o aproveitamento escolar e a saúde. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional** 2001; 26 (99/100):109-119.

14. Glina DR, Jardim SR. O diagnóstico dos transtornos mentais relacionados ao trabalho. In: Glina DR, Rocha LE, organizadores. **Saúde mental e trabalho: desafios e soluções**. São Paulo: VK; 2000. p. 17-52.

15. Gomes JR, Fischer, FM, Bedrikow B. Trabalho da criança e do adolescente no corte da cana-de-Açúcar. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional** 2001; 26 (97/98): 9-27.

16. Institute of Medicine. Committee on the Health and Safety Implications of Child Labor. **Protecting youth at work: health, safety and development of working children and adolescents in the United States**. Washington (DC): National Academy Press; 1998.

17. Instituto de Protagonismo Jovem e Educação**. Direitos do estudante: um manual para pais e alunos**. São Paulo: Lu Fernandes Escritório de Comunicação; 2003.

18. Louzada F, Menna-Barreto L. **Relógios biológicos e aprendizagem**. São Paulo: Instituto Esplan; 2004.

19. Machado A. **Poesías completas**. 14ª ed. Madri: Espasa-Calpe; 1973.

20. Martins IS, Fischer FM, Oliveira DC, Teixeira LR, Costa LAR da, Marinho SP e col. Crescimento e trabalho de estudantes de ensino fundamental e médio em São Paulo, Brasil. **Revista de Saúde Pública** 2002; 36 (1):19-25.

21. Ministério da Educação. **Sumário executivo: primeiros resultados do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) 2003.** Brasília: Instituto de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira; 2003.

22. Ministério da Saúde. **Lista de doenças relacionadas ao trabalho: Portaria nº. 1339-GM, de 18 de novembro de 1999**. Brasília: Ministério da Saúde; 2000.

23. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios: trabalho infantil 2001** [online]. Rio de Janeiro: IBGE; 2003. Disponível em <URL:http://www.ibge.gov.br> [2005 fev 17].

24. Ministério do Trabalho e Emprego. **Mapa de indicativos do trabalho da criança e do adolescente: 2000**. Brasília: MET/Secretaria de Inspeção do Trabalho; 2001.

25. Ministério do Trabalho e Emprego. Delegacia Regional do Trabalho em São Paulo. **Trabalho precoce, saúde e desenvolvimento**. Ribeirão Preto: Sub-delegacia do Trabalho; sd.

26. Ministério do Trabalho e Emprego/FUNDACENTRO. **Cadernos de Aç*ão***. São Paulo: FUNDACENTRO; 1997.

27. Nagai R, Fischer FM, Teixeira LR, Souza LC, Turte SL. Percepção dos conhecimentos de estudantes acerca dos riscos do trabalho no Município de São Paulo. In: **Anais do 12º Congresso da Associação Brasileira de Ergonomia – ABERGO** [CD ROM]; 2004 Ago 30 – Set 1-3; Fortaleza (CE).

28. National Institute for Occupational Safety and Health. **Child labor research needs: recommendations from the NIOSH child labor working team**. Cincinnati: US Department of Health and Human Services; 1997. (NIOSH Special Hazard Review).

29. Nobre LCC. Trabalho de crianças e adolescentes: os desafios da intersetorialidade e o papel do Sistema Único de Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva** 2003; 8 (4): 963-971.

30. Oliveira DC, Sá CP de, Fischer FM, Martins IS, Teixeira LR. Futuro e liberdade: o trabalho e a instituição escolar nas representações sociais de adolescentes. **Estudos de Psicologia** 2001; 6 (2):245-258.

31. Roberts RE, Roberts CR, Chen YR. Suicidal thinking among adolescents with a history of attempted suicide. **Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry** 1998; 37 (12): 1294-1300.

32. Santana V. **Acidentes ocupacionais não fatais entre crianças e adolescentes.** Salvador: Instituto de Saúde Coletiva. Universidade Federal da Bahia; 2000.

33. Santana V, Itaparica M, Amorim AM de, Araújo Filho JB, Araújo G, Oliveira M e col. Acidentes de trabalho não fatais em adolescentes. **Cadernos de Saúde Pública** 2003; 19 (2):407-420.

34. Teixeira LR. **Análise dos padrões do ciclo vigília-sono de adolescentes trabalhadores e não trabalhadores, alunos de escola pública no Município de São Paulo**. São Paulo; 2002. [Dissertação de Mestrado - Faculdade de Saúde Pública da USP].

35. Teixeira LR, Nagai R, Turte SC. Análise das atividades diárias de estudantes trabalhadores e não-trabalhadores. In: **Anais do 12º Congresso da Associação Nacional de Medicina do Trabalho – ANAMT**; 2004 Maio 1-7; Goiânia (GO).

36. Teixeira LR, Fischer FM, Andrade MMM de, Louzada FM, Nagai R. Sleep patterns of day-working, evening high-schooled adolescents of São Paulo, Brazil. **Chronobiology International** 2004; 21(2): 239-252.

37. Vieira N. **Jovens brasileiros: o conflito entre o estudo e o trabalho e a crise de desemprego**. São Paulo; 2001. [Tese de Doutorado – Escola Superior de Agricultura 'Luiz de Queiroz' da Universidade de São Paulo].

38. Wegman D. Child labor in the U.S. **Ciência & Saúde Coletiva** 2003; 8 (4): 1029-1037.

World Health Organization. **Health promotion glossary** [online]. Switzerland; 1998. Disponível em <URL:http://www.who.int/hpr/NPH/docs/hp_glossary_en.pdf> [2005 Fev 15].

Quem somos...

Coordenadora do Projeto: Frida Marina Fischer – Bacharel e Licenciada em Ciências Biológicas. Especialização em Ergonomia e Saúde Pública. Mestrado e Doutorado em Saúde Pública, na área de Saúde Ambiental, ênfase em Saúde do Trabalhador. Professora Titular do Departamento de Saúde Ambiental da Faculdade de Saúde Pública da USP – fmfische@usp.br

Autora do texto: Lô Galasso – Bacharel em Ciências Sociais. Especialização em Saúde Pública. Escritora. Doutora em Saúde Pública pelo Departamento de Saúde Ambiental da Faculdade de Saúde Pública da USP. lo.galasso@terra.com.br

Ilustrações: Paula Galasso – Aluna do Curso de Graduação em Artes Plásticas, Escola de Comunicações e Artes da USP. paulagalasso@yahoo.com.br

Projeto Gráfico: Sérgio Bonilha – Aluno do Curso de Graduação em Artes Plásticas, Escola de Comunicações e Artes da USP. Cirurgião-dentista graduado pela FOUSP. Arte educador da "Oficina Arquimedes", Secretaria de Estado da Cultura do Governo do Estado de São Paulo. sergiobonilha@aol.com

Equipe de pesquisadores:
Roberta Nagai – Bacharel e Licenciada em Ciências Biológicas, Mestranda em Saúde Pública junto ao Departamento de Saúde Ambiental da Faculdade de Saúde Pública da USP – rnagai@usp.br

Liliane Reis Teixeira – Bacharel em Ciências Biológicas, Mestre e Doutoranda em Saúde Pública junto ao Departamento de Saúde Ambiental da Faculdade de Saúde Pública da USP. lrt@usp.br

Lilian Cardoso de Souza – Bacharel em Psicologia, Mestranda em Saúde Pública junto ao Departamento de Saúde Ambiental da Faculdade de Saúde Pública da USP. liliancs@usp.br.

Josiane Steluti – Aluna do Curso de Graduação em Nutrição da Faculdade de Saúde Pública da USP e Bolsista de Iniciação Científica junto ao Departamento de Saúde Ambiental, com o apoio do CNPq. jsteluti@usp.br

Rodolpho Repullo Júnior — Médico Sanitarista e do Trabalho, Mestre e Doutor em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da USP. Professor Adjunto da Faculdade de Medicina de Jundiaí. rrepullo@usp.br.

Colaboradores:

Arne Lowden - Pesquisador do Instituto Nacional de Medicina Psicossocial, Instituto Karolinska, em Estocolmo, Suécia. arne.lowden@ipm.ki.se

Denize Cristina de Oliveira - Enfermeira Sanitarista, Mestre e Doutora em Saúde Pública, Pós-doutorado em Psicologia Social pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, França; Professora Titular de Pesquisa da Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. dco@uerj.br

Isabel Maria Teixeira Bicudo Pereira – Educadora Sanitária, Mestre e Doutora em Saúde Pública, Docente do Departamento de Práticas de Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da USP. clainny@usp.br

Lys Esther Rocha – Mestre e Doutora em Medicina Preventiva, Auditora Fiscal do Trabalho -Saúde no Trabalho da Delegacia Regional do Trabalho de São Paulo, Docente do Departamento de Medicina Legal, Ética Médica e Medicina Social e do Trabalho da Faculdade de Medicina da USP. lysrocha@usp.br

Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira - Licenciada em Psicologia pela Faculdade de Psicologia de Universidade de Havana, Cuba. Mestre em Psicologia Social pela Faculdade de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, Doutora em Filosofia da Saúde pela Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina. Editora da Revista Psicologia: Teoria e Prática. mctvteixeira@ajato.com.br

Maria do Rosario Dias de Oliveira Latorre - Bacharel em Estatística, Mestre e Doutora em Saúde Pública, Docente do Departamento de Epidemiologia da Faculdade de Saúde Pública da USP. mdrddola@usp.br

Robin Baker - Pesquisadora no Programa de Saúde Ocupacional, Centro de Saúde Ocupacional e Ambiental, Universidade da Califórnia, Berkeley, Estados Unidos. rbaker@uclink4.berkeley.edu

Impresso em abril de 2005 por ‘MP Gráfica, Fotolito e Editora LTDA’.
Papel: Supremo 250g/m² (capa) e Alta Alvura 120 g/m² (miolo).

USP

CNPq

Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA

ISBN: 85-99167-01-4